

CORA CORALINA, DE GOIÁS

ESTE nome não inventei, existe mesmo, é de uma mulher que vive em Goiás: Cora Coralina.

Cora Coralina, tão gostoso pronunciar este nome, que começa aberto em rosa e depois desliza pelas entranhas do mar, surdinando música de sereias antigas e de dona Janáina moderna.

Cora Coralina, para mim a pessoa mais importante de Goiás. Mais do que o Governador, as excelências parlamentares, os homens ricos e influentes do Estado. Entretanto, uma velhinha sem posses, rica apenas de sua poesia, de sua invenção, e identificada com a vida como é, por exemplo, uma estrada.

Na estrada que é Cora Coralina passam o Brasil velho e o atual, passam as crianças e os miseráveis de hoje. O verso é simples, mas abrange a realidade vária. Escutemos:

"Vive dentro de mim/uma cabocla velha/de mau olhado,/acocorada ao pé do borralho, olhando pra o fogo."
"Vive dentro de mim/a lavadeira do rio Vermelho. Seu cheiro gostoso dá-gua e sabão."
"Vive dentro de mim/a mulher cozinheira. Pimenta e cebola. Quitute bem-feito."
"Vive dentro de mim/a mulher proletária./Bem linguaruda,/desabusada, sem preconceitos."
"Vive dentro de mim/a mulher da vida./Minha irmázinha.../tão desprezada,/tão murmurada..."

Todas as vidas. E Cora Coralina as celebra todas com o mesmo sentimento de quem abençoa a vida. Ela se coloca junto aos humildes, defende-os com espontânea opção, exalta-os, venera-os. Sua consciência humanitária não é menor do que sua consciência da natureza. Tanto escreve a Ode às Muletas como a Oração do Milho. No primeiro texto, foi a experiência pessoal que a levou a meditar na beleza intrínseca desse objeto ("Leves e verticais. Jamais sofisticadas./Seguras nos seus calços/de borracha escura. Nenhum enfeite ou sortilégio"). No segundo poema, o dom de aproximar e transfigurar as coisas atribui ao milho estas palavras: "Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que amanhece./Sou o cocho abastecido

donde rumina o gado./Sou a pobreza vegetal agradecida a vós, Senhor."

Assim é Cora Coralina: um ser geral, "coração inumerável", oferecido a estes seres que são outros tantos motivos de sua poesia: o menor abandonado, o pequeno delinqüente, o presidiário, a mulher-da-vida. Voltando-se para o cenário goiano, tem poemas sobre a enxada, o pouso de boiadas, o trem de gado, os becos e sobrados, o prato azul-pombinho, último restante de majestoso aparelho de 92 peças, orgulho extinto de família. Este prato faz jus a referência especial, tamanha



"Mulher sertaneja, livre, turbulenta, cultivadamente rude..."

a sua ligação com usos brasileiros tradicionais, como o rito da devolução; "As vezes, ia de empréstimo/à casa da boa Tia Norita/E era certo no centro da mesa/de aniversário, com sua montanha/de empadas bem tostadas/No dia seguinte, voltava, /conduzido por um portador/que era sempre o Abdenago, preto de valor, /de alta e mútua confiança. / Voltava com muito-obrigados /e, melhor cheinho/de doces e salgados./ Tornava a relíquia para o relicário..."

Relicário é também o sortido depósito de memórias de Cora Coralina.

Remontando à infância, não a ornamenta com flores falsas: "Éramos quatro as filhas de minha mãe. /Entrando elas ocupei sempre o pior lugar. Lembra-se de ter sido "triste, nervoso e feia. /Amarela, de rosto empalmeado. /De pernas moles, caindo à toa. "Perdera o pai muito novinha. Seus brinquedos eram coquilhos de palmeira, caquinhos de louça, bonecas de pano. Não era compreendida. Tinha medo de falar. Lembra com amargura essas carências, esquecendo-se de que a tristeza infantil não lhe impediu, antes lhe terá preparado a percepção solidária das dores humanas, que o seu verso consegue exprimir tão vivamente em forma artesanal do que acadêmica.

Assim é Cora Coralina, repito, mulher extraordinária, diamante goiano cintilando na solidão e que pode ser contemplado em sua pureza no livro Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais. Não estou fazendo comércio de editora, em época de festas. A obra foi publicada pela Universidade Federal de Goiás. Se há livro comovedores, este é um deles. Cora Coralina, pouco conhecida dos meios literários fora de sua terra, passou recentemente pelo Rio de Janeiro, onde foi homenageada pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, com uma das 10 mulheres que se destacaram durante o ano. Eu gostaria que a homenagem fosse também dos homens. Já é tempo de nos conhecermos uns aos outros sem estabelecer critérios discriminativos ou simplesmente classificatórios.

Cora Coralina, um admirável brasileiro. Ela mesma se define: "Mulher sertaneja, livre, turbulenta, cultivadamente rude. Inserida na gleba da Mulher terra. Nos meus reservatórios secretos um vago sentido de analfabetismo." Opõe à morte "aleluias festivas e os sinos alegres da Ressurreição. Doceira fui e gosto de ter sido Mulher operária".

Cora Coralina: gosto muito deste nome, que me invoca, me bouleversa e me hipnotiza, como no verso de Barroca deira.

Carlos Drummond de Andrade